

Identidades invisibilizadas: Contributo para o conhecimento população cigana local

Inconspicuous Identities: Contribution to knowledge about the local gypsy population

Lurdes Fernandes Nicolau
Cetrad/UTAD
lurdesnicolau@hotmail.com

Resumo

No concelho de Bragança os ciganos residem no meio rural e urbano, apresentando diferenciações variadas em relação a outro grupo de ciganos da região. Na sua grande maioria vivem em condições precárias, sobretudo na cidade, onde muitas famílias se concentram na periferia de bairros periféricos, invisibilizados por uma boa parte da população não cigana, que desconhece esta realidade. Entre os ciganos do meio rural e urbano verificam-se diferenciações relativamente às suas condições sócio- económicas e também habitacionais.

Palavras-chave: *Ciganos*; invisibilizados; diferenciações.

Abstract

In Bragança county, gypsies reside in rural and urban environment, showing several differentiations comparing to other gipsy groups in this region. The vast majority lives in precarious conditions, especially in towns, where many families are concentrated in the outskirts of peripheral neighborhoods, living in ghettos in this suburb areas, not easily seen from some of the non-gypsy population, which is unaware of this reality. Between gypsies of rural and urban areas there are differences in their social and economic and also housing conditions.

Keywords: *Gypsies, inconspicuous, differentiations*

Introdução

Os trabalhos de investigação acerca da população cigana em Portugal são escassos centrando-se, uma quantidade significativa, em cidades como o grande Porto e a grande Lisboa. Se considerarmos a região de Trás-os-Montes verificamos uma lacuna mais acentuada, uma vez que os estudos publicados são em número reduzido.

A escassez de trabalhos científicos sobre os ciganos transmontanos, bem como acerca dos ciganos rurais desencadeou a necessidade de produção de conhecimento científico contribuindo para desocultar uma realidade, até ao momento, não estudada por cientistas sociais ou outros académicos. Esta foi uma das razões que nos impulsionou à realização da tese de doutoramento¹, na qual se baseia o artigo que apresentamos.

Em estudos anteriores havíamos verificado que os ciganos transmontanos² tinham características que os distinguiam de “outros” ciganos que se encontravam também na região e no país, quer pelas leituras efectuadas, quer pelo contacto pessoal com alguns indivíduos³.

¹ NICOLAU, Lurdes Fernandes (2010). *Ciganos e não ciganos em Trás-os-Montes: Investigação de um impasse inter-étnico*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais. UTAD.

² Assim denominaremos, por vezes, o grupo de ciganos que maioritariamente habita no concelho de Bragança.

³ *Ibidem* (2003). *A comunidade cigana portuguesa em Pamplona: Aculturação e preservação dos aspectos culturais do país de origem*. Tese de Mestrado em Cultura Portuguesa. UTAD.

Os objectivos que estabelecemos centraram-se em torno de dois eixos principais: i) conhecer o grupo de ciganos que maioritariamente habita no Nordeste Transmontano, tanto no meio rural como urbano e ii) compreender as relações inter-étnicas que os mesmos estabeleceram com as populações locais, bem como com a instituição escola.

Neste artigo abordaremos alguns aspectos inerentes ao primeiro objectivo que definimos, pelo que, para além de uma breve apresentação da metodologia adoptada, iremos expor os dados demográficos recolhidos no que concerne ao contexto concelhio e as diferenciações entre os dois grupos de ciganos que se encontram na região transmontana. Posteriormente apresentaremos a situação económica e habitacional das famílias que constituíram a nossa unidade de observação, tanto no meio rural, como no meio urbano.

Aspectos metodológicos

Esta investigação, de cariz etnográfico, contou com a nossa presença no terreno, de forma constante e prolongada procurando, como refere Costa (2005) *descodificar o significado duma variedade de objectos e de símbolos, de acontecimentos e situações, de arranjos espaciais e de ritmos, de comportamentos e de estratégias, de declarações e de silêncios, de estilos de agir e de maneiras de pensar* (p. 148), das populações que compunham o nosso objecto de estudo, bem como das suas interações inter-étnicas com a envolvente hegemónica.

Trata-se de uma etnografia reflexiva que aceita o etnógrafo como interferindo, influenciando – pela sua mera presença no “terreno” – a “realidade” por si investigada. Como menciona Silva (2003), o etnógrafo torna-se, queira-o ou não, parte integrante da rede de relações sociais que pretende investigar e torna-se também parte e parcela do todo que pretende compreender e interpretar (p. 35).

A metodologia adoptada, de carácter qualitativo, pretendeu orientar o trabalho no uso de técnicas de pesquisa específicas e diversificadas, abarcando os três procedimentos mais utilizados neste género de investigações, ou seja, a observação etnográfica, a entrevista e o trabalho documental, que implicam formas de trabalho e organizações distintas (Roigé i Ventura, X. *et al.*, 1999), onde o investigador é o principal instrumento de recolha de dados, como já referimos.

Além das técnicas referidas anteriormente utilizámos também i) inquéritos por questionário, para a obtenção de dados relativamente à escolarização das crianças ciganas no concelho de Bragança, no ano lectivo 2005/2006; ii) fotografias, principalmente, para “captar” espaços físicos e acontecimentos considerados de interesse e de menor ocorrência; iii) mapas e censos das populações ciganas e não ciganas, do meio urbano e do meio rural.

A observação etnográfica decorreu durante o período de um ano no meio urbano, de Outubro de 2005 a Outubro de 2006, altura em que se iniciou a intervenção no meio rural, que se prolongou até Abril de 2007, registando-se toda a informação, tão cedo quanto possível no Diário de Campo.

Em relação às entrevistas, a opção por esta técnica de recolha de dados justifica-se na medida em que permite obter informações concretas e, de forma simultânea, compreender a interpretação que cada actor atribui a determinados fenómenos sociais. Na perspectiva de Costa (2005), a entrevista é *mais eficiente na obtenção de normas e status institucionalizados, de conhecimento geral e facilmente verbalizáveis* (p. 141).

A entrevista semi-directiva pareceu-nos a mais adequada sendo que, por vezes, as perguntas-guias colocadas no guião conduziram a novas questões, por isso, este tornou-se flexível em relação à introdução de questões e à ordem de colocação das mesmas. O nosso papel centrou-se no encaminhamento da conversa e tivemos a preocupação que todas as temáticas que pretendíamos explorar fossem abordadas.

O número de entrevistas a realizar em cada uma das localidades relacionou-se, directamente, com o ponto de saturação da informação. Se, nalgumas aldeias, o discurso produzido por ciganos e não ciganos, no que diz respeito às relações inter-étnicas convergia, noutras, as divergências eram evidentes, a vários níveis, pelo que foi necessário dispensar mais tempo no contexto respectivo.

As técnicas de recolha de dados atrás mencionadas são idênticas, no meio urbano e rural, no entanto a intensidade com que cada uma delas se aplicou diverge. Na cidade privilegiou-se a observação directa participante nomeadamente no tratamento de temáticas como as relações intra e extra-grupais, enquanto no meio rural se optou por intensificar as entrevistas à população cigana e não cigana.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica e documental centrámo-nos na i) bibliografia nacional e estrangeira para as questões teóricas, metodológicas e no que diz respeito a estudos sobre ciganos e ii) trabalho de arquivo, destacando-se um intenso trabalho em arquivos locais, tais como na Câmara Municipal, Assembleia Municipal, *Mensageiro de Bragança* e *A Voz do Nordeste*.

De referir que optámos pelo anonimato, em relação às localidades e indivíduos, atribuindo-lhes pseudónimos, os quais se encontram isentos de qualquer significação. Esta opção deve-se ao facto de verificarmos, em determinados contextos, algum desconforto à medida que nos facultavam informação e o pedido, por parte de indivíduos entrevistados, para se ocultar a sua identidade.

O trabalho de campo decorreu no concelho de Bragança, em três bairros da cidade, com um total de oitenta e cinco indivíduos e em seis aldeias, onde a população cigana residente era em número significativo, totalizando cento e setenta e um indivíduos. Por necessidade de limitação da amostra excluiu-se a vila de Izeda, com um número de agregados familiares residentes considerável. Por outro lado, pelo contacto com ciganos e não ciganos dessa localidade pareceu-nos um contexto com especificidades próprias que requeria muito tempo no terreno para a compreensão da realidade local.

Terminada a recolha de dados, numa primeira fase procedemos à leitura atenta de toda a informação que dispúnhamos, no sentido de detectarmos grandes temas comuns relacionados com os objectivos do nosso estudo. Numa fase posterior, a análise de conteúdo centrar-se-ia na captação do sentido do discurso dos sujeitos entrevistados, cujas unidades de registo se associaram a categorias e subcategorias de significação.

Depois de definir as categorias e subcategorias recorremos a grelhas e gráficos, num processo de organização dos dados qualitativos, onde o que conta não é o número de frequências, mas o seu significado.

Caracterização sociográfica dos ciganos transmontanos

Na região transmontana encontram-se dois grupos de ciganos que, segundo os mesmos, se diferenciam claramente entre si em várias dimensões, tais como económica, social, cultural, linguística, religiosa, entre outras.

Os ciganos transmontanos reconhecem outro grupo de ciganos que também habita na região como ciganos, mas não da mesma “raça”, denominando-os de *Gitanos* e especificam as diferenciações entre ambos.

São ciganos, o que é que é outra raça, não é a mesma raça... são ciganos mas não é a mesma raça de nós, já têm outro sangue. (...) são mais... são mais coisados eles. Guardam mais o luto e têm mais respeito pelas pessoas. (...) Não, só que respeitam mais, não entram num café a tomar um café. Se têm que tomar um café, mandam a quem não esteja de luto e tomam-no na rua, nós não, nós somos capaz de estar dois meses sem entrar num café, passados dois meses já entramos num café a tomar café e eles não, eles em mentes andem de luto não entram num café a tomar um café. E por eles, as mulheres por exemplo, morre-lhe o marido, elas cortam logo o cabelo, todinho! É diferente, o luto deles é diferente do nosso, o deles é mais rigoroso! (homem, 40 anos, cigano, extracto de entrevista, bairro Horizonte).

Não, o cigano (transmontano) conhece-se bem! (...) O andar, o falar (...) (mulher, 50 anos, cigana, extracto de entrevista, Largo).

Eles (gitanos) estão a falar e vê-se mesmo, o falar deles não é como o nosso! Porque os ciganos pronto, os aldeanos têm um modo de falar, os ciganos não falam como os aldeanos e os gitanos já têm outra maneira de falar (...) Os ciganos vivem de andar a pedir, uma jeira, hoje aqui, amanhã além, de aldeia em aldeia, de cidade, pronto mais em aldeias. Os gitanos já não, os gitanos andam nas feiras a vender, já é diferente a vida deles. Eles andam pelas feiras, correm o mundo e os ciganos é diferente (mulher, 20 anos, cigana, extracto de entrevista, Largo).

Por seu lado, os ciganos feirantes¹ também apresentam as suas argumentações para realçar as diferenciações em relação ao grupo de ciganos que maioritariamente habita na região transmontana.

De fazer feiras, das feiras. Pelo menos a nossa tradição é de feirantes. (...) Nós... Você olha para nós, temos outra aparência da deles, mesmo na maneira de estar e essas coisas assim. (...) São outras famílias diferentes. São famílias que vivem de esmola, de caridade. Por exemplo, eles são capazes de estar dez ou quinze famílias, não têm aquela alimentação como nós temos, como hoje em dia qualquer pessoa tem e têm uma maneira de viver diferente das nossas, que é aquela maneira de viver nas barracas e pedir. (...) E mesmo as mulheres, as mulheres ciganas da nossa tradição gostam muito de se produzir e essas coisas e a mulher do "reco" não! É que elas..., elas não têm..., mesmo uma pessoa olha para elas não sente aquela... "Ai que cigana tão linda!" Enquanto que a nossa tradição já é diferente! (as mulheres deles) não fascinam. (...) Porque eles têm outras maneiras de viver. Eles vivem noutras culturas diferentes, mesmo. Mesmo dos hábitos, dos costumes, mesmo a pessoa em si, é diferente. Nós, você olha para nós, temos outra aparência da deles, mesmo na maneira de estar e essas coisas assim. (...) Eles não são ciganos mesmo, eles são recos, "chabotos". Ciganos somos nós, eles são "recos", "chabotos". Como é que eu hei-de explicar? Nas aldeias há muitos ciganos desses mas esse cigano só é usado em Trás-os-Montes, não há em mais lado nenhum (homem, 26 anos, gitano, extracto de entrevista, Bragança).

Ambos os grupos se autodenominam Ciganos, como se conclui pelos seus discursos e entre eles não se verifica qualquer tipo de interacção, bem pelo contrário, os locais frequentados por uns, são evitados pelos outros.

Dados demográficos

A Constituição da República Portuguesa interdita a recolha de dados étnicos e religiosos no nosso país, por isso, não existem dados oficiais sobre o número de ciganos em Portugal mas, segundo Bastos (2007),

¹ Designação que atribuímos a este grupo. Em Janeiro de 2007 vivia uma família na cidade de Bragança, com um total de nove indivíduos.

as estatísticas escolares permitem inferir que sejam cerca de 50 mil, distribuídos por todo o continente (ao contrário das restantes minorias étnicas, concentradas ao redor da capital), com concentrações proporcionalmente relevantes no Interior Norte (Bragança e Guarda), no sul do país (Beja e Faro) e em torno da capital (Lisboa e Setúbal) onde, em termos absolutos, se agregam cerca de um terço (p. 41).

No entanto, tratando-se de uma população com determinadas especificidades (para além de uma cultura própria o facto de ser o grupo étnico que em Portugal vive em situação de maior precariedade, pois um número elevado de famílias vivem em pobreza extrema e excluídos socialmente), o conhecimento da realidade poderá contribuir para uma intervenção ajustada às suas necessidades.

Em relação ao nosso trabalho, pareceu-nos pertinente obter uma informação concreta, de modo a conhecer o contexto concelhio. Para o efeito questionámos a população cigana que conhecíamos, informação que cruzámos com a obtida junto de não ciganos de diversas localidades do concelho. Nalgumas aldeias contactámos os Presidentes de Junta que, via telefone, nos facultaram os dados, enquanto noutras povoações amigos e/ou conhecidos nos esclareceram a situação local.

Depois de contactadas todas as freguesias do concelho de Bragança, verificámos a existência das seguintes variáveis, que traduzem a realidade encontrada: i) Nunca houve ciganos residentes; ii) Na actualidade não se encontra nenhuma família, embora no passado residissem na povoação; iii) São proprietários de casas mas moram no estrangeiro (sobretudo Espanha); iv) Encontram-se famílias residentes.

A recolha e os restantes dados apresentados dizem respeito ao início do ano 2007, altura em que terminávamos o trabalho de campo. Nesta data contabilizámos cento e trinta e seis agregados familiares que correspondiam a um total de quinhentos indivíduos. No entanto, devemos ter em conta que quarenta e quatro destes agregados (32,3%) eram mistos, ou seja, pelo menos um dos cônjuges não era cigano, representando uma maioria os casais com mulher cigana (61,4%) em relação aos casais com homem cigano (38,6%)¹.

Não deixaremos de salientar que os números apresentados anteriormente reflectem uma aproximação à realidade local pois concordamos com Liégeois (2001) quando afirma que os ciganos economicamente bem sucedidos se tornam “invisíveis” para a generalidade da população e, na maior parte dos países europeus ocidentais, não se encontram incluídos nas estatísticas governamentais relativas à população cigana (p. 56).

A população cigana que compunha o nosso objecto de investigação (duzentos e cinquenta e seis indivíduos), a nível etário (gráfico 1) caracteriza-se por uma elevada taxa de crianças e

¹ Do total apresentado, três mulheres ciganas tinham ligações maritais com filhos de latoeiros, todos com descendentes. Destes, os adultos contraíram matrimónio com indivíduos ciganos.

jovens (64%, se juntarmos as classes etárias dos zero aos vinte e quatro anos) e uma percentagem muito reduzida de idosos (2%, a partir dos sessenta e cinco anos).

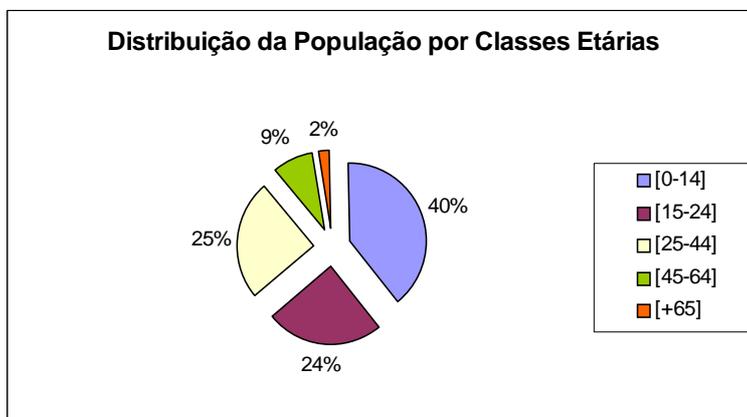


Gráfico 1- Distribuição da população cigana por classes etárias

No que diz respeito à população não cigana do concelho (gráfico 2) a tendência é contrária à realidade descrita anteriormente, uma vez que se verifica uma percentagem reduzida de crianças e jovens (25%, se considerarmos a faixa etária dos zero aos vinte e cinco anos) e um elevado número de idosos (20%, a partir dos sessenta e cinco anos), como se pode observar no gráfico seguinte.

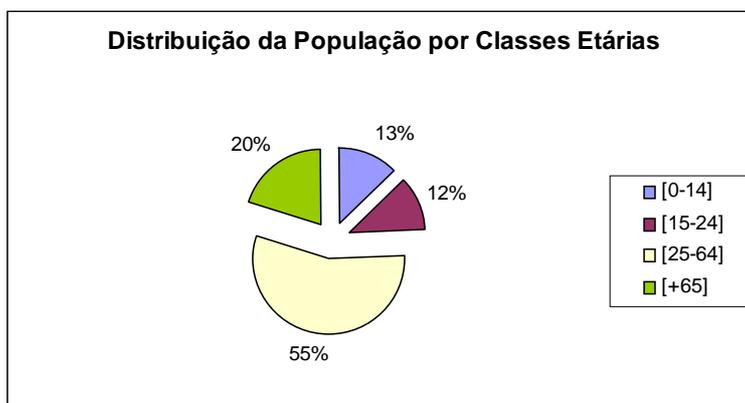


Gráfico 2 – População não cigana do concelho
 Fonte: INE, 34.625 indivíduos (2006)

Apesar das taxas elevadas de população cigana jovem, o número de filhos tende a diminuir nos casais mais jovens, pois nos últimos anos as mulheres ciganas recorrem ao uso de contraceptivos para evitar a gravidez.

Situação económica

Os ciganos residentes na cidade têm graves dificuldades em arranjar emprego e uma das razões prende-se com o facto desta população não possuir escolarização ou formação para

competir no mercado de trabalho urbano, por isso, o desemprego ou o emprego temporário e precário tornaram-se numa constante.

Segundo alguns indivíduos ciganos outra razão apontada para a falta de oportunidades em arranjar emprego está relacionada com a discriminação de que são alvo, por parte das entidades patronais.

Na opinião de Rodrigues (1995), a maioria dos empregadores só contrata membros de grupos étnicos minoritários (particularmente os de cor), quando não há outra mão-de-obra disponível e são vistos como indesejáveis, de forma que dar-lhes trabalho é um mero infortúnio necessário (p. 63).

Os agregados familiares residentes em meio urbano que faziam parte do nosso objecto de estudo viviam, na sua grande maioria, do Rendimento Social de Inserção (RSI), mas quando esta prestação social lhes era cancelada (situação que por vezes se verificava, por motivos variados), podiam exercer várias actividades, dependendo da oferta de emprego e da época do ano. Dedicavam-se essencialmente a trabalhos agrícolas como a apanha da batata, castanha, azeitona ou vindimas, na região ou em Espanha, mas também à recolha de ferro velho, construção civil, ou outras actividades.

No meio rural, em quatro localidades onde decorreu o nosso estudo empírico, a grande maioria dos ciganos trabalhavam como jornaleiros para a população não cigana da localidade e, por vezes, de aldeias vizinhas. Outros indivíduos dedicavam-se à pastorícia e alguns trabalhavam em empresas locais no ramo da construção civil e afins.

Quando me chamam para as obras, vou para as obras... de servente. Quando me chamam para uma vinha, vou para uma vinha (...) escavar. Quando me chamam a arrancar batatas, vou a arrancar batatas. Quando me chamam para os fardos do feno, vou aos fardos do feno. Quando for para a palha, vou para a palha! (homem, 38 anos, cigano, extracto de entrevista, Penedo).

(...) não há queixa deles! Mesmo o pessoal daqui, que os chama à jorna, não há queixa. Desempenham o papel deles como seja um aldeano. (...) A gente chama-os à jeira, vão. Aqui eles trabalham o que é que andam muitos efectivos para essas empresas, mas ao sábado, que não trabalham para essas empresas, geralmente vão a arrancar batatas e as mulheres vão a apanhar batatas também, nessa altura (homem, 50 anos, não cigano, extracto de entrevista, Penedo).

Agora, se a gente tem um obreiro para trabalhar, só pode ser cigano! (...) Porque aldeanos não os há e os ciganos aprenderam a trabalhar! (...) Por exemplo, serviços do campo, apanhar batatas, castanhas, ou qualquer coisa..., morangos, onde é que a gente vai? Às ciganas, porque não há ninguém! (mulher, 73 anos, não cigana, extracto de entrevista, Fonte).

Nas outras duas povoações onde decorreu o trabalho de campo a situação laboral dos ciganos distinguia-se das anteriores, sendo que numa das localidades as famílias viviam essencialmente do RSI e na outra deslocavam-se frequentemente para Espanha ou outras regiões para realizarem trabalhos agrícolas uma vez que, segundo os mesmos, na localidade não encontravam meios de subsistência (nesta povoação a percepção da população local - que não se comprovou como verdadeira - era que todos os agregados ciganos eram beneficiários do RSI em Portugal e Espanha, razão das suas deslocações frequentes para o país vizinho).

No meio rural, nalgumas aldeias, cultivavam terrenos que adquiriram ou que lhes eram cedidos pela população não cigana local, pois esta, como se caracterizou acima, está cada vez mais envelhecida e perde gradualmente a capacidade de realizar trabalhos agrícolas, acrescentando o facto dos proprietários terem a vantagem de não os deixarem abandonados. Também encontrámos agregados familiares que criavam animais domésticos, como galinhas ou porcos, para auto-consumo.

(...) nós aqui fabricamos umas batatas, umas couvinhas, umas beterrabas para os porcos. (...) temos (terrenos próprios), logo lá à entrada naquelas beterrabas, para a porquecha. (...) Temos porcos, temos pitas e na cidade não podíamos ter isso! (mulher, 35 anos, cigana, extracto de entrevista, Fonte).

Tenho uma hortinha que me emprestou aí o (nome), para semear as batatas e uns feijões. (...) Tenho um (porco) que me deram eles, ainda o estou a criar. (...) Compro a carne e faço as albeiras e faço os chouriços (mulher, 65 anos, cigana, extracto de entrevista, Serrania).

Os ciganos residentes na cidade e nas localidades rurais criaram dinâmicas variadas com as populações locais, quer nas suas interações a nível laboral, social ou outras, quer no seu processo de sedentarização (apesar de frequentemente serem considerados nómadas pela população não cigana, encontram-se sedentarizados há várias décadas).

Situação habitacional

As famílias que fizeram parte do nosso objecto de observação, em meio urbano, deslocaram-se de concelhos limítrofes para a cidade, na década de 80 do século passado, por razões familiares e económicas. Desde o início viveram em barracas, em terrenos situados nos arredores da cidade e, num determinado momento, por serem edificáveis foram encaminhados, pelas autoridades autárquicas da época, para o local onde hoje residem.

Na actualidade vivem na periferia de bairros periféricos, tornando-se imperceptíveis para muitos brigantinos, à excepção de um dos bairros que se localiza num local com alguma visibilidade, junto de uma via movimentada da cidade (figura 1).



Figura 1 – Localização da população cigana em Bragança
Fonte: Google Earth – Image © 2008 DigitalGlobe.

No contexto da localização da totalidade do bairro, as habitações das famílias que residem no bairro Horizonte encontram-se afastadas da “vista” de quem passa nas proximidades tornando-se, mesmo para alguns habitantes de Bragança, imperceptíveis como já referimos anteriormente. O terreno onde se encontram pertence à autarquia que lhes colocou uma torneira com água no recinto, para o abastecimento geral, mas não têm instalação de luz eléctrica nem casas de banho e saneamento.

Noutro bairro, para além de uma família a residir numa casa em avançado estado de degradação, propriedade da Câmara Municipal, a grande maioria dos agregados vive em barracas que se assentam em terrenos de particulares, situando-se também na periferia do bairro, sem instalação de água (à excepção da família que reside na casa), luz eléctrica e sem casas de banho e saneamento.

No terceiro bairro as famílias compartilham uma casa (propriedade da autarquia) em avançado estado de degradação onde, cada agregado adaptou um espaço independente para cozinha. No recinto foi-lhes colocada uma torneira com água e não têm instalação de luz eléctrica, casas de banho nem saneamento.

As condições de habitabilidade nos três bairros são as piores pois, como já referimos, as famílias residem em casas em avançado estado de degradação e barracas que os próprios construíram com diferentes materiais como lata, aglomerado de madeira, zinco, entre outros. No Inverno o único espaço com algum aconchego situa-se junto da lareira, ao redor da qual se reúne a família, assim como as visitas e no Verão o calor é difícil de suportar devido às elevadas temperaturas e às características dos materiais com que constroem as barracas. Além

destes aspectos encontram-se expostos à presença constante de todo o tipo de animais rastejantes e roedores, que dificilmente se conseguem eliminar.

Eu fui obrigada de ir ao rio, apanhar areia e pedra e de a cimentar que a mim corria-me água, pareciam nascentes. E no Verão não se pode lá dormir que dormimos numa caravana velha, senão as cobras comem-nos lá! Ainda hoje a Judite matou um lagarto, que eu aos lagartos não lhe tenho medo, agarro neles e tudo, mas as cobras, morro de susto! (mulher, 24 anos, cigana, extracto de entrevista, bairro Horizonte).

Vivemos num barraco que isto chove cá, isto de Inverno é uma pobreza, estamos aqui numa situação..., o chupão, olhe, de Inverno não posso ter a lareira acesa, de Inverno..., de Inverno não dormimos aqui no barraco, dormimos aí numa caravana ali, aquilo também está tudo escabarrado. De Verão não podemos cá estar dentro por causa dos bichos! É cobras, é lagartos, é de tudo! (mulher, 23 anos, cigana, extracto de entrevista, bairro Horizonte).

Como normalmente as famílias são numerosas e os espaços habitacionais pequenos, recorrem a rulotes que utilizam para dormir e também adaptam carrinhas, dependendo das necessidades (figura 2).



Figura 2 – Aspecto das habitações

Em todos os bairros, para além da precariedade habitacional, os acessos e os espaços circundantes carecem de condições para que o dia-a-dia aí decorra com normalidade, já que não estão pavimentados. Esta situação é especialmente crítica no Inverno porque com o tempo chuvoso, toda a área fica enlameada dificultando a passagem quer dos veículos, quer das pessoas quando se deslocam a pé.

Na perspectiva de Ramirez (1985) há que viver no subúrbio, conhecê-lo, manchar-se de barro e de porcaria, saber o que é não ter água corrente, não ter casa de banho para fazer as necessidades e ser obrigado a fazer tudo em oito ou nove metros quadrados, para poder julgar com objectividade o que é a vida noutros lugares (p. 97).

Como afirma o mesmo autor (*Ibidem*), a vida de um cidadão no subúrbio é duplamente trágica pois, por um lado sofre o desprezo e a desconfiança dos cidadãos e por outro contempla de forma impotente a indiferença de alguns poderes públicos para com ele (p.100).

Em Bragança, para além das famílias que fizeram parte do nosso objecto de observação residem outros ciganos com casa própria (normalmente construídas com os recursos económicos de anos de emigração ou de casamentos mistos) ou alugada em diferentes bairros da cidade e também em bairros sociais.

No que diz respeito ao meio rural a realidade é diversificada, dependendo da localidade onde habitam. Nalgumas aldeias os agregados familiares concentram as suas habitações num espaço contíguo, enquanto noutras as casas se encontram dispersas pela povoação e, apenas numa estão isolados, sem vizinhos não ciganos nas proximidades (figura 3).



Figura 3 – Localização da população cigana em meio rural (exemplo de duas aldeias)

Fonte: Google Earth – Image © 2008 DigitalGlobe.

À excepção de duas famílias a viver em barracas, numa das localidades onde decorreu o trabalho empírico, a grande maioria vive em casas (figura 4), propriedade dos mesmos, que adquiriram ou construíram depois de vários anos na localidade (construções simples e casas antigas de pedra).

De uma forma geral, a situação habitacional das famílias ciganas caracteriza-se por i) condições razoáveis (normalmente agregados que estiveram emigrados ou casamentos mistos), ii) carências a vários níveis, como falta de divisões dos diferentes espaços, de casas de banho, pintura no interior e exterior, chão cimentado e colocação de mosaicos ou outros materiais, sem rebocar, etc.



Figura 4 – Tipologia de habitação em meio rural

Nalgumas localidades verifica-se a inexistência de instalação de luz eléctrica (recorrem a geradores), água canalizada no interior das habitações e saneamento.

Em determinadas aldeias os acessos também são deficitários porque nunca se pavimentaram, tornando-se a situação crítica quando chove, uma vez que toda a área fica enlameada e a movimentação de pessoas e veículos condicionada.

Conclusão

O grupo de ciganos que maioritariamente habita no concelho de Bragança revela especificidades que o distinguem de outro grupo de ciganos que se encontra também na região, bem como no resto do país. Na perspectiva de uns e outros trata-se de diferenciações a vários níveis, sendo que entre ambos não existe qualquer tipo de interacção (social, económica, marital ou outra).

Quanto à situação económica verifica-se que os ciganos residentes na cidade têm graves dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, entre outras razões, pela falta de qualificações adequadas para competir no mercado de trabalho e, segundo os próprios devido à discriminação de que são alvo.

No meio rural em quatro das localidades estudadas trabalham, maioritariamente, como jornaleiros na respectiva localidade e, por vezes, em aldeias vizinhas, pois a população não cigana está envelhecida e perde, gradualmente, a capacidade de produzir. No entanto alguns encontraram emprego em empresas do ramo da construção civil e afins. Noutra das localidades eram, maioritariamente beneficiários do RSI, enquanto noutra aldeia a maior parte dos agregados familiares se deslocava sazonalmente para Espanha, ou outras regiões do país em trabalhos agrícolas, uma vez que, segundo os mesmos, na localidade não encontravam meios de subsistência.

No que diz respeito à situação habitacional verifica-se que as condições são muito precárias, especialmente na cidade onde vivem em casas em avançado estado de degradação e em barracas construídas pelos próprios. Nas aldeias, a maioria das habitações também tem muitas carências ao nível das estruturas e de serviços tão básicos como água canalizada, luz eléctrica ou casas de banho.

Este estudo revelou-se inovador na medida que proporcionou o conhecimento dos ciganos transmontanos, incluindo a realidade do meio rural (até ao momento invisibilizados) permitindo assim, desomogeneizar os ciganos de Portugal.

Bibliografia

- Bastos, J. G. P. (2007). *Sintrensens Ciganos - Uma abordagem estrutural-dinâmica*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra/ Divisão de Saúde e Acção Social.
- Bastos, J. G.; Bastos, S. T. P. et al. (1999). *Portugal Multicultural. Situação e Estratégias Identitárias das Minorias Étnicas*. Lisboa: Fim de Século.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação - uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Coelho, A. (1995). *Os ciganos de Portugal. Com um Estudo sobre o Calão*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Costa, A. F. (2005). A pesquisa de terreno em sociologia. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. 13ª ed., Porto: Edições Afrontamento, 129-148.
- Fraser, A. (2005). *Los Gitanos*. 1ª ed., Barcelona: Editorial Ariel.
- Instituto Nacional de Estatística –“Recenseamento Geral da População” - 1981, 1991, 2001 in <http://censos.ine.pt> (Disponível Julho 2008).
- Liégeois, J. P. (2001). *Minoria e escolarização: o rumo cigano*. Lisboa: Centre de Recherches Tsiganes, Secretariado Entreculturas, Ministério da Educação.
- Magano, O. (1999). *Entre ciganos «portugueses»: Estudo sobre a integração social de uma comunidade cigana residente na cidade do Porto*. Tese de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Aberta.
- Montenegro, M. (org.) (2007). *Ciganos e Cidadania(s)*. Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas, Cadernos ICE 9.
- Nicolau, L. F. (2010). *Ciganos e não ciganos em Trás-os-Montes: Investigação de um impasse inter-étnico*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais. UTAD.

- (2003). *A comunidade cigana portuguesa em Pamplona: Aculturação e preservação dos aspectos culturais do país de origem*. Tese de Mestrado em Cultura Portuguesa. UTAD.
- Nunes, O. (1996). *O povo cigano*. 2ª ed., Lisboa: Ed. autor/ Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3ª ed., Lisboa: Gradiva.
- Ramirez - Heredia, J. D. (1974). *Nós, os Ciganos*. Braga: Edição Franciscana.
- (1985). *En defensa de los míos - Qué sabe Vd. de los Gitanos?* Barcelona: Ediciones 29.
- Rodrigues, A. (1995). Raça - Etnicidade - Integração – Assimilação. In Lima, A. G. M. (dir.), *Ethnologia*. Lisboa: Edições Cosmos e Departamento de Antropologia Faculdade Ciências Sociais e Humanas, UNL, 3-4, Maio/Out., 59-66.
- Roigé i Ventura, X. et al. (1999). *Técnicas de Investigação em Antropologia Social*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- San Román, T. (1994). *Entre la marginación y el racismo. Reflexiones sobre la vida de los gitanos*. Madrid: Alianza Universidad.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (orgs.) (2005). *Metodologia das Ciências Sociais*. 13ª ed., Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, P. (2003). *Etnografia e educação. Reflexões a propósito de uma pesquisa sociológica*. Porto: Profedições.